



Anais do III Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero | Volume 5

TRABALHO, CUIDADO & POLÍTICA

DIMENSÕES DO AGIR DE MULHERES
E PESSOAS LGBTI+ SOBRE O MUNDO

ORGANIZAÇÃO

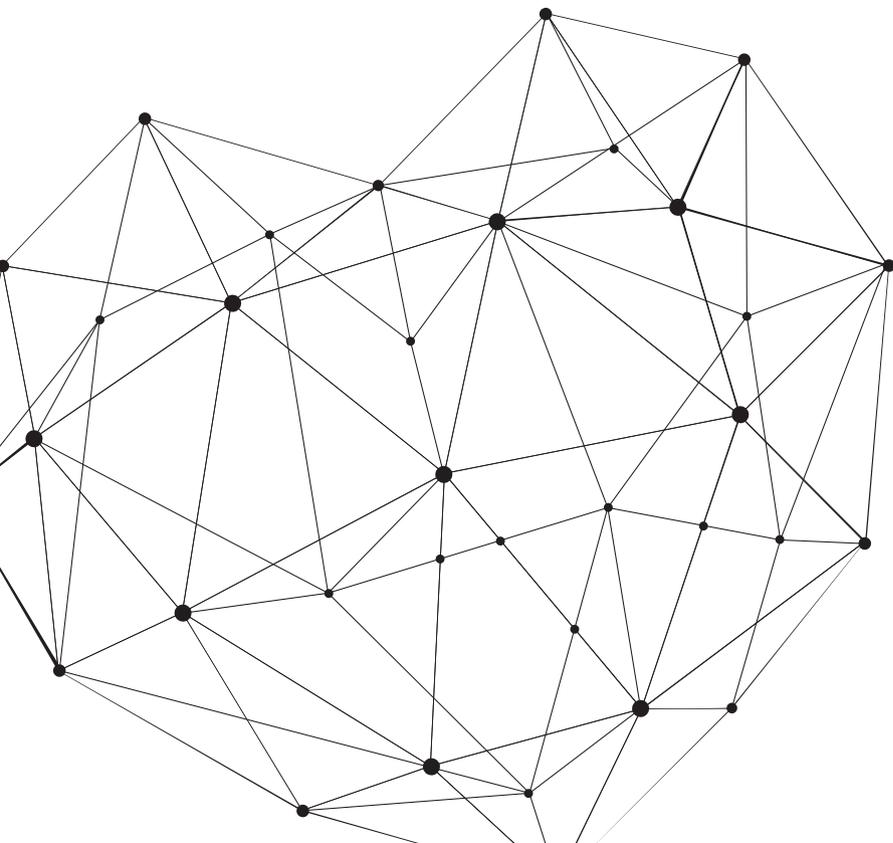
FLÁVIO MALTA FLEURY

WANESSA OLIVEIRA RODARTE

PEDRO AUGUSTO NICOLI



**ANAIIS DO III CONGRESSO DE
DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO
VOLUME 5**



**Trabalho, cuidado e política:
dimensões do agir de mulheres e pessoas LGBTI+ sobre o mundo**

Organização: Flávio Malta Fleury, Pedro Augusto Gravatá Nicoli, Wanessa Susan de Oliveira Rodarte – 1ª edição – 2019 – Initia Via

Copyright © [2019] Initia Via Editora Ltda.
Rua dos Timbiras, no 2250 – 1º andar– Bairro Lourdes
Belo Horizonte, MG, Brasil, 30140-0619
www.initiavia.com

Editora-Chefe: Isolda Lins Ribeiro
Revisão: organizadores e autores
Projeto gráfico: Lívia Furtado
Diagramação e arte da capa: Isabella Ramaciotti
Imagens da capa: Six Faces by Danjazzia – Adobe Stock (238362382, 249079254, 248976967, 238252021, 238418325 e 238013545)
Ilustração do miolo: Designed by Smithytomy – Freepik.com

CC BY-NC-SA 4.0. Esta obra foi licenciada sob a “Atribuição Creative Commons Não-Comercial - Compartilhamento Igual - 4.0 Internacional”. É possível compartilhá-la gratuitamente para fins não comerciais, atribuindo o devido crédito e sob a mesma licença.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C759

Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero (3 : 2018 : Ouro Preto - MG)
[Anais do] III Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero [recurso eletrônico] trabalho, cuidado e política : dimensões do agir de mulheres e pessoas LGBTI + sobre o mundo, volume 5 / organização Flávio Malta Fleury, Pedro Augusto Gravatá Nicoli, Wanessa Susan de Oliveira Rodarte. - 1. ed. - Belo Horizonte [MG] : Initia Via, 2019.

310p; pdf.

ISBN 978-85-9547-070-5 (recurso eletrônico)

ISBN 978-85-9547-065-1 (coleção)

1. Identidade de gênero - Brasil - Congressos. 2. Direitos humanos - Brasil - Congressos. 3. Livros eletrônicos. I. Fleury, Flávio Malta. II. Nicoli, Pedro Augusto Gravatá. III. Rodarte, Wanessa Susan de Oliveira.

19-60705

CDU: 305.3
CDU: 305-055.3

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439
17/10/2019 23/10/2019

**TRABALHO, CUIDADO E POLÍTICA:
DIMENSÕES DO AGIR
DE MULHERES E PESSOAS LGBTI+
SOBRE O MUNDO**

*ANAIS DO III CONGRESSO DE
DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO
VOLUME 5*

ORGANIZAÇÃO
FLÁVIO MÁLTA FLEURY
PEDRO AUGUSTO GRAVATÁ NICOLI
WANESSA SUSAN DE OLIVEIRA RODARTE

INITIA VIA

EDITORA

BELO HORIZONTE
2019

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandre Gustavo Melo Franco de Moraes Bahia

Fabio Queiroz Pereira

Flávia Souza Máximo Pereira

José Luiz Bolzan de Moraes

Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira

Marcelo Maciel Ramos

Margareth Diniz

Natália de Souza Lisbôa

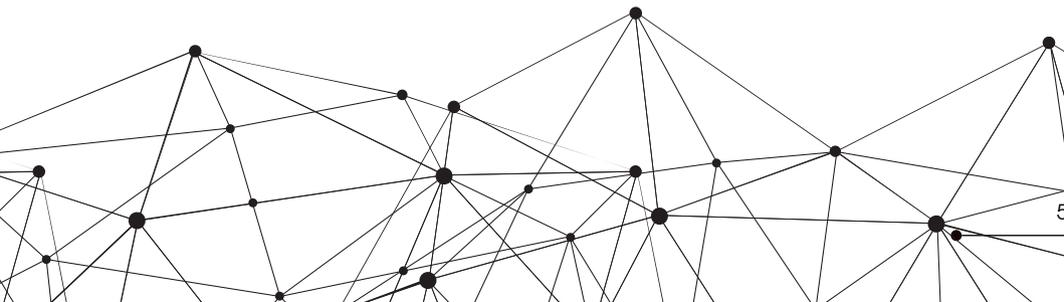
Pedro Augusto Gravatá Nicoli

Tayara Talita Lemos



COMISSÃO AVALIADORA

Adilson José Moreira
Alexandre Gustavo Melo Franco de Moraes Bahia
Camila Silva Nicácio
Érica Renata de Souza
Fabio Queiroz Pereira
Flávia Souza Máximo Pereira
Flaviane de Magalhães Barros Bolzan de Moraes
Felipe Quintella Machado de Carvalho
Iara Antunes de Souza
Lisandra Espíndula Moreira
Maíra Neiva Gomes
Marcelo Maciel Ramos
Margareth Diniz
Natália de Souza Lisbôa
Pedro Augusto Gravatá Nicoli
Regina Stela Corrêa Vieira
Tayara Talita Lemos



SUMÁRIO

PARTE 1

DE QUEM É A RESPONSABILIDADE PELO TRABALHO DE CUIDADO?

CAPÍTULO 1

A DISCUSSÃO INTERNACIONAL SOBRE A ÉTICA DO CUIDADO

APORTES TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO
TRABALHO DE CUIDADO COMO EXPERIÊNCIA
CONCRETA

Cristiane dos Santos Silveira

16

CAPÍTULO 2

GIRLFRIEND EXPERIENCE

UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO FEMININA DE LUXO A
PARTIR DO CARE

Vitor Lopes Costa

33

CAPÍTULO 3

A MULHER NA POLÍTICA BRASILEIRA

A PERPETUAÇÃO DO PAPEL DE CUIDAR

Sabrina Carozzi Bandeira

49

CAPÍTULO 4

MENINAS CUIDAM E MENINOS LUTAM

UMA ANÁLISE SOBRE A RESPONSABILIZAÇÃO PELO
CUIDADO NA ANIMAÇÃO *STEVEN UNIVERSE*

Gabrielle dos Santos Marques

67

PARTE 2
MULHERES NA POLÍTICA E
A POLÍTICA POR MULHERES

CAPÍTULO 5 REPRESENTATIVIDADE EM NANCY FRASER E PRESENÇA DAS MULHERES NA CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA LEI N. 12.034/2009 Jessica Holl	89
CAPÍTULO 6 A CONSTRUÇÃO JURÍDICA E A LUTA POLÍTICA PELO SUFRÁGIO FEMININO NO BRASIL RETROSPECTIVA HISTÓRICA DE 1850 ATÉ 1932 Júlia Melo Fonseca Júlia Péret Tasende Társia	107
CAPÍTULO 7 O SISTEMA ELEITORAL DE LISTA FECHADA E A GARANTIA DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA Juliana de Freitas Dornelas	124
CAPÍTULO 8 A RESISTÊNCIA FEMINISTA NA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA Damires Rinarly Oliveira Pinto Rafaela Vieira Ozava Waidd Francis de Oliveira	138
CAPÍTULO 9 A DISCREPÂNCIA ENTRE HOMENS E MULHERES NA POLÍTICA BRASILEIRA A LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO Maria Clara Peixoto Batista Lohany Dutra Amorim	153

PARTE 3
REFÚGIO E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA PESSOAS LGBTI+

CAPÍTULO 10

**OS PROBLEMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA
QUESTÃO DO REFÚGIO**

IDENTIFICAÇÕES, DISSIDÊNCIAS E ELEGIBILIDADE

Ricardo Prata Filho

171

CAPÍTULO 11

CONSTRUINDO DIREITOS NA REDE DE CIDADES ARCO-ÍRIS

AS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A POPULAÇÃO
LGBT NA CIDADE DE SÃO PAULO

Pedro Barbabela

Letícia do Carmo

188

CAPÍTULO 12

**REFUGIADOS E SOLICITANTES DE REFÚGIO LGBTI
ANGOLANOS NO RIO DE JANEIRO**

Adriana Fernandes Basilio

Luma Freitas Lessa

202

PARTE 4
DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO NO MUNDO DO TRABALHO

CAPÍTULO 13

**COLONIALIDADE DE GÊNERO NO DIREITO DO
TRABALHO**

PATRIARCALISMO NAS NORMAS BRASILEIRAS RELATIVAS
AO LABOR DA MULHER

Tainá Dias Couto

Flávia Souza Máximo Pereira

222

CAPÍTULO 14

MULHERES EM CARGOS DE COMANDO

A SOCIEDADE APROVA?

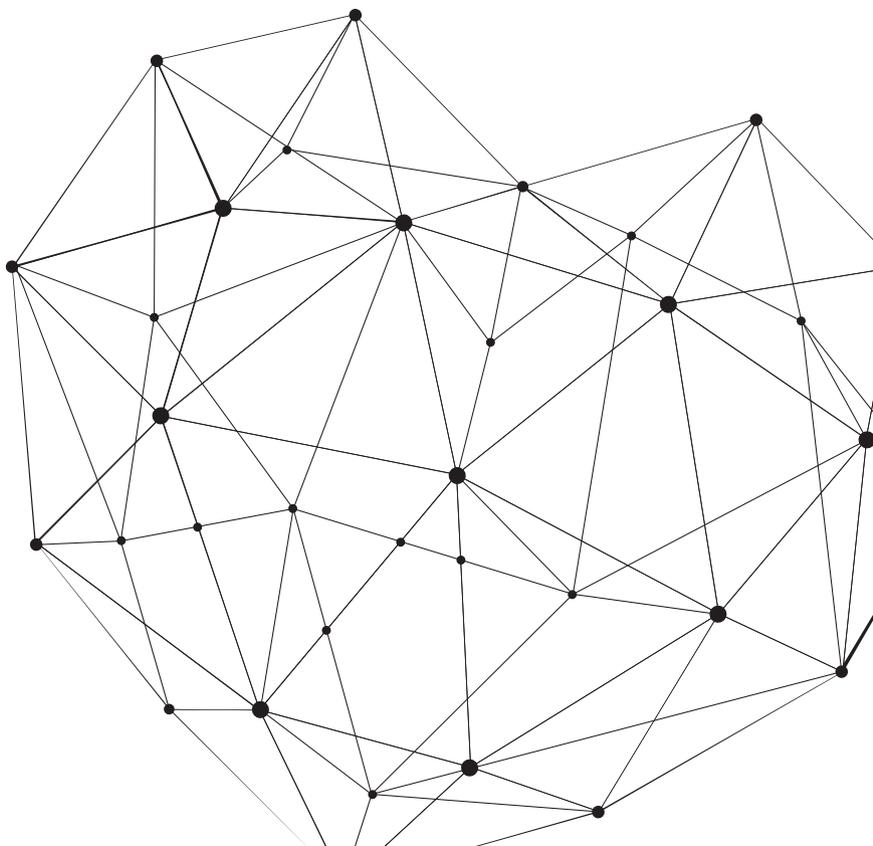
Lucimara Moreira

Raquel Quirino

235

CAPÍTULO 15	253
POR QUE SE RESISTE À RESISTÊNCIA?	
NOTAS SOBRE SEXISMO, RACISMO E LGBTFOBIA NO SINDICALISMO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE “FURA-GREVES”	
Flávio Malta Fleury	
Pedro Augusto Gravatá Nicoli	
CAPÍTULO 16	276
A LICENÇA MATERNIDADE À LUZ DAS FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS	
Gisele Fernandes Machado	
Lohany Dutra Amorim	
CAPÍTULO 17	292
PUTÍSSIMA TRINDADE	
A REGULAMENTAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO COMO MEDIDA PROTECIONAL DAS TRABALHADORAS SEXUAIS NO BRASIL	
Larissa do Vale Teixeira	
Júlia Gontijo Lacerda	
Gustavo Seferian Scheffer Machado	

PARTE 1
DE QUEM É A RESPONSABILIDADE
PELO TRABALHO DE CUIDADO?



CAPÍTULO 1

A DISCUSSÃO INTERNACIONAL SOBRE A ÉTICA DO CUIDADO

APORTES TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO TRABALHO DE CUIDADO COMO EXPERIÊNCIA CONCRETA

Cristiane dos Santos Silveira¹

Resumo: A Ética do Cuidado é uma perspectiva que tornou-se relevante dentro do atual debate feminista, uma vez que analisa diversas questões e dimensões do cuidado, percebendo-o em seus aspectos individual, social e político. Nesse sentido, diante da importância dessa abordagem para a compreensão do cuidado, o primeiro objetivo deste artigo é o de apresentar alguns dos aspectos centrais da discussão que tem sido desenvolvida pelas pesquisadoras e pesquisadores da Ética do Cuidado internacionalmente. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a Ética do Cuidado, principalmente a partir da discussão acadêmica que tem se desenvolvido na França sobre o assunto, um dos países em que a questão está em alta. Considerando que os estudos sobre a Ética do Cuidado apresentam três eixos de análise em torno do cuidado, o cuidado como ética, o cuidado como política e o cuidado como trabalho, o artigo buscará apresentar alguns aspectos da discussão em torno do eixo do cuidado como trabalho ou “experiência vivida”. Nesse ponto, introduz-se o pensamento da pesquisadora francesa Pascale Molinier, que analisa as habilidades e competências que nascem a partir da experiência do cuidado, e só podem ser aprendidas e compartilhadas pela prática e pelas narrativas das trabalhadoras do cuidado. Em outras palavras, o cuidado escapa aos

¹ Mestranda em Direito e Justiça pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na linha de pesquisa “História, Poder e Liberdade”, área de estudos “Trabalho e Democracia”. Bacharela em Direito pela UFMG. Membro do grupo de Pesquisa Trabalho e Resistências. Contato: cristianess93@hotmail.com

critérios ligados à profissionalização/qualificação/especialização. Acordando centralidade às experiências concretas de cuidado, contadas na forma de narrativas pelas trabalhadoras, é possível perceber sentidos de cuidado, práticas, habilidades essenciais ao bom cuidado. Ouvir e valorizar as vozes subalternas e silenciadas das trabalhadoras do cuidado leva, então, a uma série de questões relevantes para a discussão sobre o trabalho de cuidado no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Trabalho de Cuidado; Ética do Cuidado; Juridificação do Cuidado; Pascale Molinier.

Abstract: The Ethics of Care is a perspective that has become relevant within the current feminist debate, since it analyzes various issues and dimensions of care, studying it in its individual, social and political aspects. In this sense, given the importance of this approach to the understanding of care, the first objective of this article is to present some of the central aspects of the discussion that has been developed by researchers of the Ethics of Care internationally. For that, a bibliographical survey was carried out on the Ethics of Care, mainly from the academic discussion that has developed in France on the subject, one of the countries in which the question is more popular nowadays. Considering that the studies on Care Ethics present three axes of analysis around care, care as ethics, care as politics and care as work, the article will seek to present some aspects of the discussion around the axis of care as work or “lived experience”. At this point, we introduce the thinking of the French researcher Pascale Molinier, who analyzes the skills and competencies that are born from the experience of care and can only be learned and shared by the practice and the narratives of the care workers. On another words, care escapes the criteria related to professionalization/qualification/ specialization. Giving centrality to the concrete experiences of care, counted in the form of narratives by the workers, it is possible to observe senses of care, practices, skills essential to good care. Listening and valuing the subaltern and silenced voices of care workers then leads to a number of issues relevant to the discussion of care work in Brazil and around the world.

Keywords: Care Work. Ethics of Care; Juridification of Care; Pascale Molinier.

1. Introdução

No final da década de 1960, a partir de uma crítica generalizada à clássica separação entre as esferas pública e privada, as feministas empreenderam esforços para desvelar as opressões que se processavam na esfera doméstica, politizando questões como a sexualidade, o serviço doméstico, a reprodução e a violência contra as mulheres (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009, p. 257; FRASER, 2009, p. 18).

Nesse sentido, a partir da década de 1970, o trabalho de cuidado – também chamado de “trabalho doméstico” ou “trabalho reprodutivo” – tornou-se um tema central para o feminismo. Desde então, a discussão internacional sobre o tema se intensificou, e, atualmente, a questão é analisada a partir de diferentes abordagens, por pesquisadoras e pesquisadores de diversos campos do saber.

Uma perspectiva que tem se destacado nesse campo de estudos é a “Ética do Cuidado”, uma teoria feminista que nasceu no campo da psicologia do desenvolvimento moral, a partir de pesquisas desenvolvidas pela filósofa e psicóloga estadunidense Carol Gilligan (1982); e que desenvolveu-se a partir de reflexões conduzidas por diversas autoras e autores, de tal modo que, hoje, sua robustez e profundidade teórica fizeram com que ela se tornasse uma teoria importante dentro do debate feminista.

Na obra “Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta”, de 1982, Gilligan apresenta o resultado de suas pesquisas sobre desenvolvimento moral e questiona os resultados do trabalho do psicólogo Lawrence Kolberg sobre o mesmo assunto (MOLINIER, 2010, p. 161).

Segundo Lawrence Kolberg, haveria dois estágios de desenvolvimento moral na vida adulta: “um primeiro estado, qualificado de ‘convencional’, no qual o agente busca levar em conta, em suas ações, o bem estar pessoal do outro, e um segundo estado, qualificado de ‘pós-convencional’, que corresponderia a uma visão racional e universalista da justiça”². Por outro lado, ainda segundo o pesquisador, seria apenas nesse segundo estágio que os agentes chegariam ao mais alto grau de desenvolvimento moral (SVANDRA, 2015, p. 19).

² No original: “[...] un premier stade, qualifié de ‘conventionnel’, où l’agent cherche à tenir compte, dans ses actions, du bien-être personnel d’autrui, et un second stade, qualifié de “post-conventionnel”, qui correspondrait à une vision rationnelle et universaliste de la justice” (SVANDRA, 2015, p. 19). Traduzido livremente pela autora.

Gilligan, por sua vez, rejeita a hierarquia criada por Kolberg entre os dois modos de pensar e de agir na vida adulta (SVANDRA, 2015, p. 19). A partir de entrevistas com crianças e pessoas adultas de ambos os sexos, a pesquisadora notou que os homens conduziam suas ações predominantemente a partir da “voz da justiça” e de seus princípios morais abstratos e universais (para Kolberg, o estágio pós-convencional), enquanto as mulheres se guiavam mais a partir da “voz do cuidado” (para Kolberg, o estágio convencional) (SVANDRA, 2015, p. 19).

Gilligan chamou essa voz do cuidado de “uma voz diferente”, e constatou que ela era desvalorizada socialmente e desconsiderada nas teorias morais e políticas majoritárias (PAPERMAN; LAUGIER, 2011, p. 14). Essa voz diferente, de acordo com as pesquisas da psicóloga, percebia o indivíduo como vulnerável, interdependente, inserido em relacionamentos e experimentando sentimentos; e pensa a moralidade a partir de contextos específicos e casos particulares; muito diferente da voz da justiça, que considera o indivíduo como autônomo, independente e capaz de avaliações morais imparciais; e pensa a moralidade a partir de princípios universais e universalmente aplicáveis e de um raciocínio dedutivo e abstrato (SVANDRA, 2015, p. 21).

E foi a partir dos pressupostos apresentados no trabalho de Gilligan que nasceu a perspectiva da ética do cuidado, apesar de não ter sido a pesquisadora que criou seu conceito (SVANDRA, 2015, p. 19). Nesse sentido, a ética do cuidado surgiu como categoria correspondente à voz diferente encontrada por Gilligan, correspondendo a uma moralidade que concede importância central à manutenção e preservação dos laços humanos, enquanto a ética da justiça concede maior importância ao respeito aos direitos (SVANDRA, 2015, p. 21).

2. Uma ética feminina ou uma ética feminista?³

Mas seria essa voz diferente, encontrada por Gilligan, uma voz feminina? De acordo com seus críticos, o fato da pesquisadora ter tomado como base de sua teoria uma diferença moral/psíquica entre homens e mulheres seria um retorno ao antigo e já tão combatido essencialismo – que tomava a identidade masculina como mais voltada ao racional e à

³ Nesse título, toma-se emprestado o mesmo título dado a uma entrevista concedida por Carol Gilligan (2009), na qual a pesquisadora estadunidense se defende das críticas dirigidas ao seu trabalho que acusam-na de essencialista (GILLIGAN, 2009).

imparcialidade e a identidade feminina mais voltada ao sentimento e ao afeto (HABER, 2011, p. 193).

Assim, ainda segundo seus críticos, Gilligan estaria fornecendo elementos para reforçar uma ideologia conformista de devotamento (HABER, 2011, p. 193). O filósofo francês Stéphane Haber sintetiza de forma precisa essas críticas sofridas por Gilligan:

Apesar de seu ginocentrismo manifesto, Gilligan não faz mais que se aproximar daquilo que o feminismo do pós-guerra quis precisamente erradicar: os estereótipos atemporais que, de Hegel a Freud, ainda marcavam o pensamento moderno da diferença e da subordinação sexuais com, no centro, a superposição das quatro distinções cardiais que opunham o e feminino e o masculino, o privado e o público, o afetivo e o racional, o natural e o civilizado (HABER, 2011, p. 193).

Em sua defesa, Gilligan aponta que a voz da justiça e a voz do cuidado, as quais ela se referia, antes de serem uma voz masculina e uma voz feminina, respectivamente, eram vozes rivais que estavam presentes em todas as pessoas (PAPERMAN; LAUGIER, 2011, p. 12). Por outro lado, a diferença entre homens e mulheres ocorreria em razão da voz do cuidado ser mais rapidamente sufocada nos meninos durante seu desenvolvimento, em comparação às meninas (PAPERMAN; LAUGIER, 2011, p. 12).

Assim, de acordo com Gilligan, a voz diferente

[...] não era um apelo à retomada do velho cenário de gênero, mas um apelo à busca por uma nova maneira de falar. Uma nova linguagem: uma mudança de paradigma, uma mudança na organização ou mesmo na estrutura da conversa, não apenas sobre gênero, mas também sobre o eu, relacionamentos, moralidade e desenvolvimento... em suma, sobre o humano. A ideia era trazer as vozes das mulheres de volta à conversação humana e, assim, mudar o tom dessa conversação, dando voz a aspectos da experiência humana que não eram falados nem vistos. Mas também poderia fazer emergir o que costumava ser uma voz dissociada ou uma voz sufocada nos homens (GILLIGAN, 2009, p. 76-78)⁴.

⁴ No original: “[...] n’était pas un appel à re-prendre les vieux scénarii de genre, mais bien un appel à trouver une nouvelle façon de parler. Un nouveau langage : un changement de paradigme, un changement dans l’organisation ou la structure même de

Todavia, apesar da negação de Gilligan de que seu trabalho essencializaria identidades masculinas e femininas, o fato é que grande parte de seus críticos apontaram que, apesar da autora não defender de modo claro uma posição essencialista, ainda assim seu trabalho abriria espaço a uma interpretação desse tipo.

Uma das autoras que faz essa crítica é a cientista política Joan Tronto, que introduziu novos elementos à concepção de Gilligan. De acordo com Tronto, Gilligan havia deixado de lado muitas questões importantes, principalmente pela falta de percepção da psicóloga de que a ética do cuidado estaria vinculada a condições sociais de subordinação e não a uma identidade feminina (TRONTO, 2011, p. 52-53). Nesse sentido, Gilligan não havia questionado, afirma Tronto, os motivos pelos quais os homens e as mulheres entrevistados haviam desenvolvido concepções diferentes de si mesmo (TRONTO, 2011, p. 55).

Para Tronto, então, a ética do cuidado seria um sentido moral que emergiria a partir da experiência cotidiana do cuidado vivenciada por pessoas pertencentes a grupos subjugados (TRONTO, 2011, p. 55), que são aquelas que se ocupam do cuidado nas sociedades – em geral, mulheres, pobres, imigrantes (TRONTO, 2011, p. 58). Assim, a voz diferente não é um modo de pensar necessariamente feminino, mas geralmente feminino, unicamente pelo fato de que circunstâncias históricas, sociais e políticas colocam o cuidado no centro da maior parte das experiências vividas pelas mulheres (PAPERMAN; LAUGIER, 2011, p. 14).

Nesse mesmo sentido, a ética do cuidado não naturaliza identidades femininas e masculinas, muito pelo contrário, contribui para a desnaturalização e desassociação do cuidado e do feminino:

Isso significa também que a ética do cuidado não emana somente das mulheres e nem de todas as mulheres. Este ponto é importante porque desnaturaliza a voz diferente de uma dupla maneira, primeiramente, situando sua emergência não em uma suposta natureza (aquela das mulheres) mas em uma atividade, o trabalho doméstico e de cuidado, em seguida,

la conversation, qu'elle porte non seulement sur le genre mais aussi sur le soi, les relations, la morale et le développement... En somme, sur l'humain. L'idée était de faire revenir les voix des femmes dans la conversation humaine, et ainsi de changer la tonalité de cette conversation, en donnant voix aux aspects de l'expérience humaine qui n'étaient ni parlés, ni vus. Mais cela pouvait aussi faire émerger ce qui était souvent une voix dissociée, ou une voix étouffée, chez les hommes" (GILLIGAN, 2009, p. 76-78). Traduzido livremente pela autora.

operando divisões sociais no grupo de mulheres, sendo que nem todas as mulheres estão envolvidas da mesma forma pelas atividades de cuidado (MOLINIER, 2010, p. 162)⁵.

3. O cuidado em sua dimensão social

Para compreender de que forma essas circunstâncias históricas colocaram o cuidado como uma experiência predominantemente feminina, as pesquisadoras e pesquisadores da Ética do Cuidado também se valem de outras perspectivas analíticas, entre elas, a “divisão sexual do trabalho” e a “consustancialidade das relações sociais”.

Segundo a pesquisadora francesa Danièle Kergoat, a divisão sexual do trabalho pode ser definida como:

[...] a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por característica a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.) (KERGOAT, 2009, p. 67).

Dessa forma, é possível perceber que a divisão sexual do trabalho percebe duas lógicas na divisão do trabalho nas sociedades: a primeira é a separação entre trabalhos específicos que são considerados de homens e outros que considerados de mulheres; a segunda é a hierarquização entre os trabalhos, sendo que os trabalhos de homens valem mais (politicamente, religiosamente, economicamente, etc.) que os de mulheres (KERGOAT, 2009, p. 67).

Essa perspectiva também considera que a divisão sexual do trabalho é uma forma histórica, apresentando modalidades variadas a partir

⁵ No original: “C’est dire aussi que l’éthique du care n’émane pas seulement des femmes et pas de toutes les femmes. Ce point est important, car il dénature la voix différente d’une double manière, d’abord, en situant son émergence non pas dans une prétendue nature (celle des femmes) mais dans une activité, le travail domestique et de care, ensuite en opérant des divisions sociales dans le groupe des femmes, toutes les femmes n’étant pas concernées de la même façon par les activités de care” (MOLINIER, 2010, p. 162). Traduzido livremente pela autora.

das especificidades de cada sociedade e momento histórico (KERGOAT, 2009, p. 67).

Ao lado do estudo das relações sociais de gênero, o cuidado também é analisado, na maior parte das análises, a partir de outras relações sociais imbricadas em sua execução, relações sociais de raça e de classe, sendo que nenhuma delas pode ser compreendida de modo isolado (KERGOAT, 2016, p. 17-26).

Essa reflexão sobre a imbricação das relações sociais é o que pesquisadoras francesas como Danièle Kergoat (2016) chamam de “consustancialidade das relações sociais”; sendo que “relação social” é pensada como uma tensão em torno da qual se criam grupos e pertencimentos (KERGOAT, 2016, p. 20).

A análise da imbricação das múltiplas relações sociais também leva à percepção de que, ao lado da divisão sexual do trabalho, há também a “divisão internacional do trabalho”; isso porque o trabalho social não é apenas dividido entre homens e mulheres, mas também entre mulheres brancas, ricas, do Norte Global e mulheres não brancas, pobres, do Sul Global. Isso ocorre por meio das migrações de mulheres de regiões pobres para regiões ricas e do Sul Global para o Norte Global, a fim de prover o cuidado que as mulheres brancas, privilegiadas e com bons empregos não têm mais tempo de prover (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 602). Essa delegação do cuidado permite uma certa “emancipação” dessas mulheres privilegiadas e também o apaziguamento entre os casais burgueses, sem, contudo, mudar a situação geral de desigualdade entre homens e mulheres no mundo (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 602).

4. O cuidado em sua dimensão afetiva

Pelo exposto até aqui, é possível perceber que o cuidado vem sendo estudado como uma atividade complexa, que implica desigualdades de gênero, de raça, de classe; e também desigualdades entre países do Norte e do Sul. Por outro lado, o cuidado também é uma atividade concreta que mobiliza sentimentos/afetos contraditórios e ambivalentes (MOLINIER, 2010, p. 172), desde o amor e a compaixão até a raiva e o desejo de destruição daquele de quem se cuida (MOLINIER, 2004, p. 13).

A psicóloga francesa Pascale Molinier é uma das autoras que utilizam a perspectiva da ética do cuidado em suas pesquisas, buscando compreender o cuidado como “experiência vivida” (MOLINIER, 2010, p. 162), a partir das narrativas das trabalhadoras do cuidado.

De acordo com a autora, uma das tarefas das pesquisadoras e pesquisadores que se valem da ética do cuidado em suas pesquisas é o resgate e valorização das narrativas dessas trabalhadoras subalternas que se ocupam do cuidado nas sociedades, “[t]odas essas pessoas que realizam um trabalho indispensável e vital” (PAPERMAN; LAUGIER, 2011, p. 14) e que “são mal pagas, desconsideradas, suas necessidades ignoradas e seus saberes e saber-fazer rebaixados e negados” (PAPERMAN; LAUGIER, 2011, p. 14).

E é a partir desse resgate das narrativas das trabalhadoras do cuidado que Molinier consegue analisar, em suas pesquisas, diversas repercussões subjetivas da atividade concreta de cuidar. Nesse sentido, uma das conclusões da autora, é que o cuidado não pode ser simplesmente associado a um amor feminino naturalizado e idealizado, ou à figura do amor abnegado e do auto sacrifício feminino em prol de outros (MOLINIER, 2010, p. 172). As experiências concretas do cuidado são muito mais complexas que isso, e destroem qualquer estereótipo de amor naturalizado e idealizado:

As crianças, mais amplamente as pessoas vulneráveis e dependentes, não geram somente, naquelas e naqueles que se ocupam deles, sentimentos de amor e de compaixão, mas também poderosos desejos de destruição e de raiva. Fazer mal a eles poderia gerar prazer, uma “alegria selvagem”. Esses desejos de destruição e de raiva não pertencem à versão patológica da psiquê humana, como teríamos tendência a pensar para se livrar do problema, sobretudo enquanto se trata de mulheres. A vulnerabilidade do outro, sua dependência, podem excitar a raiva no indivíduo normal (MOLINIER, 2004, p. 13)⁶.

Dessa forma, é possível perceber que as trabalhadoras do cuidado são confrontadas com dificuldades psicológicas relacionados, por um

⁶ No original: “Les petits enfants, plus largement les personnes vulnérables et dépendantes, ne génèrent pas seulement, chez celles et ceux qui s’en occupent, des sentiments d’amour et de compassion, mais aussi de puissants désirs de destruction et de haine. Leur faire du mal pourrait générer du plaisir, ‘une allégresse sauvage’. Ces désirs de destruction et de haine n’appartiennent pas au versant pathologique de la psyché humaine, comme on aurait tendance à le penser pour se débarrasser du problème, surtout lorsqu’il s’agit des femmes. La vulnérabilité d’autrui, sa dépendance, peuvent exciter la haine chez l’individu-e normal-e” (MOLINIER, 2004, p. 13). Traduzido livremente pela autora.

lado, ao desgaste emocional próprio ao trabalho de cuidar de pessoas dependentes, e, por outro, pela dureza das relações sociais de subalternização que envolvem a prestação desse trabalho (MOLINIER, 2013, p. 125). E, a partir dessas dificuldades, essas trabalhadoras desenvolvem defesas psíquicas e estratégias coletivas de defesa (MOLINIER, 2013, p. 125).

Assim, no cuidado, há uma manifesta imbricação das esferas afetivas e profissionais, o que “[...] convida a não considerar os apegos como alheio ao trabalho, uma transgressão ou erro de julgamento, mas como riscos reais da profissão na maior parte das atividades feminizadas de cuidado” (MOLINIER, 2010, p. 171).

5. Uma crítica à especialização das atividades de cuidado

Por outro lado, Moliner acredita que a ideia de especialização, quando aplicada às atividades de cuidado, criaria hierarquias entre as cuidadoras, pela divisão das tarefas de cuidado entre aquelas mais nobres, por um lado, e aquelas que ninguém quer fazer, o trabalho sujo, por outro (MOLINIER, 2013, p. 74-75); o que levaria a uma desvalorização e subalternização ainda maiores das práticas e sentidos de cuidado das trabalhadoras mais precárias.

Para demonstrar porque a especialização não pode ser aplicada nas atividades de cuidado, a autora combate a ideia de que haveria grande diferença entre as tarefas mais voltadas ao “trabalho doméstico” e aquelas mais voltadas ao cuidado direto com pessoas, mostrando que cuidar das coisas é também cuidar das pessoas em vários sentidos, seja porque limpar e organizar não é apenas lidar com coisas, mas lidar com o bom uso das coisas por aqueles que as possuem (MOLINIER, 2013, p. 50); mas também porque o trabalho doméstico garante a seus beneficiários conforto e tranquilidade para se dedicarem a outras atividades, mais “realizadoras” (culturalmente, monetariamente) ou a outras atividades “mais nobres” do cuidado (MOLINIER, 2013, p. 51).

Assim, “trabalho doméstico” também é cuidado, e também mobiliza essas mesmas dimensões morais e afetivas do cuidado direto a pessoas (MOLINIER, 2013, p. 47), inteligência, atenção, consciência profissional e competências psicológicas (MOLINIER, 2013, p. 53). Assim, por exemplo, cuidar de pessoas idosas é também cuidar de seu ambiente: o cuidado é essa incontornável imbricação entre tarefas materiais e emocionais (MOLINIER, 2013, p. 53).

Não deveria haver, então, uma separação e, conseqüentemente, uma hierarquia entre as diferentes tarefas de cuidado, sendo todas elas dirigidas a pessoas, direta ou indiretamente.

Assim, a partir da crítica de que a especialização das atividades de cuidado geraria uma divisão e hierarquização desse trabalho, a autora combate a aplicação da especialização como modo privilegiado e até mesmo único de valorização dessas atividades: “Uma sociedade de cuidado seria necessariamente uma sociedade menos especializada. Mais exatamente, seria uma sociedade onde a especialização seria discutida, onde sua proliferação não seria julgada e fetichizada em nome da ‘profissionalização’” (MOLINIER, 2013, p. 89).

6. Uma crítica à qualificação do cuidado

Sobre os afetos e habilidades mobilizados no trabalho de cuidado, Pascale Molinier destaca cinco dimensões dessa atividade: (i) o cuidado como gentileza; (ii) o cuidado como saber-fazer discreto; (iii) o cuidado como trabalho sujo; (iv) o cuidado como narrativa ética; (v) o cuidado como trabalho inestimável (MOLINIER, 2010, p. 161-174).

Como gentileza, o cuidado é “a resposta adequada a uma necessidade” (MOLINIER, 2013, p. 75), ou seja, uma resposta na medida correta de acordo com as situações particulares do caso, nem exagerada, a causar desconforto no beneficiário do cuidado, nem deficitário, beirando à indiferença (MOLINIER, 2010, p. 163-165).

O cuidado é também um saber fazer discreto, uma habilidade de antecipar-se às necessidades do beneficiário do cuidado, sem a necessidade sequer que ele precise se exprimir (MOLINIER, 2010, p. 165). Nesse ponto, importante mencionar o alerta da própria Molinier de que essa questão do cuidado como invisível é problematizada por autores como Joan Tronto, que percebem aí uma das chaves psicológicas de uma “indiferença dos privilegiados” (MOLINIER, 2010, p. 166).

O cuidado é, ainda, trabalho sujo, ou seja, envolve contato direto com o corpo e seus fluidos – vômito, fezes, urina (MOLINIER, 2010, p. 166); nesse sentido, é o trabalho que ninguém quer fazer nem pensar sobre. Mas, como trata-se de atender a necessidades vitais de uma pessoa dependente, alguém precisa fazê-lo (MOLINIER, 2010, p. 167). Nesse sentido, é um trabalho que se delega para logo em seguida se esquecer (MOLINIER, 2010, p. 167).

O cuidado também pode ser compreendido como narrativa ética, ou seja, envolve um forte sentimento de preocupação em relação às necessidades daqueles de quem se cuida, ao lado de uma grande angústia e responsabilidade em atendê-las, um “elles ne peuvent pas ne pas” (elas não podem não), que vai além da ideia de dever ou de amor (MOLINIER, 2010, p. 169-170).

Por último, o cuidado é também um trabalho inestimável, ou seja, um trabalho que não pode ser mensurado e não tem preço, como o sorriso e a presença (MOLINIER, 2010, p. 168). Nesse sentido, o cuidado envolve capacidades que são intangíveis e não “tecnificáveis” (MOLINIER, 2013, p. 74).

Assim, as habilidades e competências que nascem a partir da experiência do cuidado – a gentileza, a discrição, o senso de responsabilidade e preocupação, entre outras – envolvem afetos e habilidades não podem ser simplesmente prescritos (MOLINIER, 2013, p. 73), ou ensinados/aprendidos de forma teórica/técnica. É pela prática e pela narrativa das próprias trabalhadoras que se desenvolvem essas habilidades: “Além disso esse talento é muito difundido, e ele não se aprende, por outro lado, ele se transmite, se exerce, se refina através da experiência de cuidado e através de narrativas que lhe dão forma” (MOLINIER, 2013, p. 81)⁷.

Nesse sentido, Molinier critica as ferramentas convencionais da profissionalização como meios de valorização/avaliação do trabalho de cuidado.

Afirmei acima que a sociologia do trabalho e suas ferramentas conceituais (profissionalização, qualificação, competência...) não eram as mais apropriadas para analisar o trabalho de cuidado. Trata-se de um saber, no entanto, que se exerce, se desdobra e mesmo se compartilha e se transmite, mas que desafia todos os quadros de pensamento baseados na ideia de especialização⁸.

⁷ No original: “Aussi ce talent est-il par ailleurs très répandu, et s’il ne s’apprend pas, em revanche il se transmet, s’exerce, s’affine à travers l’expérience du soin et au travers des récits qui lui donnent forme” (MOLINIER, 2013, P. 81). Traduzido livremente pela autora.

⁸ No original: “J’ai dit plus haut que la sociologie du travail et ses outils conceptuels (professionnalisation, qualification, compétence...) n’étaient pas les plus adéquats pour se saisir du travail du care. [...] Il s’agit bien d’un savoir, pourtant, qui s’exerce, se déploie et même se partage et se transmet, mais il défie tous les cadres de pensée

Cuidar, então, envolve uma “inteligência das circunstâncias”, que não é acadêmica ou técnica; inclusive, “demasiado conhecimento acadêmico e tecnicismo poderiam prejudicar esse tipo de inteligência das circunstâncias”⁹ (MOLINIER, 2013, p. 79).

Todavia, a crítica de Molinier à qualificação do cuidado não tem como objetivo descartar ou substituir os sentidos de cuidado originários dos saberes técnicos, mas apresentar, ao lado desses saberes, outros saberes e práticas, que tem suas próprias virtudes – os saberes e práticas subalternas.

Mas pode-se aprender a passar roupa ou varrer sem machucar as costas – e isso é muito importante – pode-se aprender os indicadores semiológicos que ajudam a entender as patologias dos pacientes – e isso é muito importante – a capacidade de relacionar-se sempre estará fora do “profissionalismo”, fora da “competência”. Falar de “competências relacionais” equivale a confundir a capacidade de colocar-se autenticamente em uma relação com um conjunto de truques, astúcias e técnicas comunicacionais (MOLINIER, 2013, p. 74-75)¹⁰.

7. A necessidade de pluralização do debate público sobre os sentidos de cuidado

Pelo exposto até aqui, é possível perceber que a Ética do Cuidado não associa o cuidado ao feminino, pelo contrário: ela reivindica a

fondés sur l'idée d'une spécialisation” (MOLINIER, 2013, p. 71). Traduzido livremente pela autora.

⁹ No original: “[...] qu’au contraire trop de savoir académique et de technicité risque d’abîmer cette sorte d’intelligence des circonstances” (MOLINIER, 2013, p. 79). Traduzido livremente pela autora.

¹⁰ No original: “Mais si l’on peut apprendre à repasser ou à passer le balai sans se faire mal au dos – et c’est très important –, si l’on peut apprendre des repères sémiologiques qui aident à comprendre les pathologies des patients - et c’est très important –, la capacité à entrer en relation de meurera toujours hors “professionalisation”, hors “compétence”. Parler de “compétences relationnelles” équivaut à confondre la capacité à s’exposer authentiquement à la rencontre avec un ensemble de trucs, de ficelles ou de techniques communicationnelles” (MOLINIER, 2013, p. 74-75). Traduzido livremente pela autora.

percepção moral e política de que o cuidado é de grande importância para a vida humana no geral (MOLINIER, 2010, p. 172).

E a importância do trabalho de Gilligan, nesse campo de estudos, deve-se à abertura da reflexão à pluralização da moral (PAPERMAN; LAUGIER, 2011, p. 11). Isso porque a autora não nega a importância da ética da justiça, nem pretende descartá-la ou substituí-la, seu objetivo é contestar o monopólio da justiça (PAPERMAN; LAUGIER, 2011, p. 13) e a desvalorização das éticas subalternas, buscando a igual valorização moral e política dessas duas vozes rivais (PAPERMAN; LAUGIER, 2011, p. 13).

Seguindo o ensinamento da Ética do Cuidado sobre a pluralização da moral, sobre ouvir e valorizar as vozes subalternas, seus pontos de vista, suas experiências, seus saberes e práticas, Pascale Molinier apresenta o cuidado como trabalho, mostrando que o cuidado ideal não existe, e que o bom cuidado não é objeto de consenso: é, na verdade, uma disputa de pontos de vista divergentes (MOLINIER, 2013, p. 24), formado a partir da posição que os cuidadores ocupam no mundo, de suas vivências de gênero, classe e raça.

Esses sentidos de cuidado, para Molinier, devem ser pensados a partir de dois aspectos: de um lado, dos interesses dos beneficiários do cuidado, de outro, dos interesses de suas prestadoras (MOLINIER, 2013, p. 39). Para a pesquisadora, as análises costumam dissociar o bem-estar dos “doentes” e a prevenção dos riscos psicossociais no trabalho, tratando de modo desarticulado a subjetividade dos beneficiários e das trabalhadoras do cuidado (MOLINIER, 2013, p. 39). Molinier acredita, por sua vez, que os sentidos de cuidado referem-se à preservação tanto a saúde dos beneficiários quanto de suas provedoras (MOLINIER, 2013, p. 39).

Dessa forma, os sentidos de cuidado são múltiplos, e são objeto de debate e de disputa. E quem está autorizado a defini-los? As vozes subalternas estão sendo ouvidas nesse debate?

A partir das análises de Molinier, então, é possível perceber que existem vários sentidos de “bom cuidado”, entre eles, há aqueles sentidos que nascem a partir da experiência concreta das mulheres subalternas. Esses sentidos subalternos de cuidado são essenciais na compreensão do que é o “bom cuidado” e não podem ser simplesmente ensinados de forma técnica ou teórica em cursos superiores ou profissionalizantes.

Assim, ouvir e valorizar as vozes subalternas do cuidado e os sentidos de cuidado que elas tem a apresentar não é apenas valorizar o trabalho dessas pessoas, mas é também compreender aspectos essenciais do bom cuidado.

Portanto, as pesquisas de Molinier levam à percepção da necessidade de pluralização do debate social sobre o que é o bom cuidado; para que as vozes, atualmente silenciadas, das trabalhadoras subalternas que se ocupam do cuidado sejam ouvidas no debate público, para que seus saberes, práticas e habilidades sejam compreendidos, compartilhados, valorizados.

8. Conclusões

Este artigo buscou fazer, inicialmente, uma breve apresentação do campo de estudos em torno da Ética do Cuidado, apresentando sua origem, a partir dos estudos de Carol Gilligan, e algumas de suas reformulações teóricas mais recentes. Essas novas reflexões teóricas em torno da Ética do Cuidado resolverem uma das principais críticas que sofria a perspectiva: a acusação de que era uma perspectiva essencialista, uma vez que identifica uma diferença de desenvolvimento moral entre homens e mulheres sem explicá-la de modo satisfatório, abrindo espaço para interpretações de que essa diferença se daria em razão das diferentes identidades naturais de homens e mulheres.

Assim, a Ética do Cuidado passou de uma ética feminina a uma ética feminista, e o resgate desses aportes teóricos justifica-se pela importância que esse campo de estudos tem ganhado nas discussões internacionais sobre o cuidado.

Por outro lado, o artigo também buscou resgatar alguns elementos da discussão em torno do cuidado como trabalho, que é um dos eixos de análise trazidos pela Ética do Cuidado. Dessa forma, realizou-se uma breve apresentação sobre as pesquisas da psicóloga francesa Pascale Molinier, que estuda o cuidado como experiência vivida, a partir das narrativas das trabalhadoras do cuidado. Os estudos da autora apresentam diversas repercussões subjetivas que envolvem o cuidado, e possibilitam críticas às formas tradicionais de mensuração do trabalho, ao apresentar os motivos pelos quais o cuidado não se encaixa nas ideias de especialização, qualificação, profissionalização.

As pesquisas de Molinier também permitem a percepção de que o cuidado ideal não existe nem é objeto de consenso, e que os sentidos de cuidado são uma disputa de pontos de vista divergentes, formados a partir da posição que os cuidadores ocupam no mundo, de suas vivências de gênero, classe e raça.

Nesse sentido, impõe-se a percepção de que o debate sobre os sentidos de cuidado deva ser plural, e abarcar as vozes geralmente silenciadas e desvalorizadas das trabalhadoras do cuidado. É que as experiências dessas trabalhadoras revelam sentidos de cuidado da mais alta relevância na compreensão do que é o bom cuidado, questão essencial para todas as sociedades.

Referências bibliográficas

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabalho Doméstico. In: HIRATA, Helena; et al (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 257.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, jul/dez 2009. p. 18.

GILLIGAN, Carol. Le care, éthique féminine ou éthique féministe? **Multitudes**, vol. 37-38, n. 2, 2009, pp. 76-78. Disponível em: < <https://www.cairn.info/publications-de-Gilligan-Carol--42786.htm> > Acesso em: 01/08/2018.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à fase adulta**. Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro: 1982. 190 p.

HABER, Stéphane. Éthique du care et problématique féministe dans la discussion américaine actuelle: de C. Gilligan à J. Tronto. In: PAPERMAN, Patricia; LAUGIER, Sandra (direção). **Le souci des autres: éthique et politique du care**. Paris: Éditions de l'école des hautes études en sciences sociales, 2011.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set/dez. 2007.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; et al (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 342 p.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva Abreu, HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (Orgs.). **Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. p. 17.

MOLINIER, Pascale. Au-delà de la féminité et du maternel: le travail du care. **Champ psy**, vol. 58, n. 2, 2010, pp. 161-174. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-champ-psy-2010-2-page-161.html> > Acesso em: 01/08/2018.

MOLINIER, Pascale. La haine et l'amour, la boîte noire du féminisme? Une critique de l'éthique du dévouement. **Nouvelles Questions Féministes**, v. 23, n. 3, 2004, pp. 12-25. Disponível em: < <https://www.cairn.info/revue-nouvelles-questions-feministes-2004-3-page-12.htm> > Acesso em: 01/08/2018.

MOLINIER, Pascale; LAUGIER, Sandra; PAPERMAN, Patricia. **Qu'est-ce que le care?** Souci des autres, sensibilité, responsabilité. Paris: Éditions Payot et Rivages, 2009.

MOLINIER, Pascale. **Le travail du care**. Paris: La dispute, 2013.

OLIVEIRA, João Manuel de. Os feminismos habitam espaços hifenizados: a localização e interseccionalidade dos saberes feministas. **Ex æquo**, Lisboa, n. 22, 2010. p. 25-39. p. 29.

PAPERMAN, Patricia; LAUGIER, Sandra (direção). **Le souci des autres: éthique et politique du care**. Paris: Éditions de l'école des hautes études em sciences sociales, 2011.

PISCITELLI, Adriana. Carinho, limpeza e cuidado: experiências de migrantes brasileiras. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva Abreu, HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (Orgs.). **Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. pp. 47- 56.

SILVA, Mariana Souza. **Do cuidar ao cuidado: Uma etnografia da regulamentação da profissão de cuidador de pessoa idosa no Brasil**. 2017. 88 f. Monografia - Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SVANDRA, Philippe. Le care entre éthique, travail et politique. **Recherche en soins infirmiers**. v. 3, n. 122, pp. 18-25. 2015.

TRONTO, Joan C. Au delà d'une différence de genre: vers une théorie du care. In: PAPERMAN, Patricia; LAUGIER, Sandra (direção). **Le souci des autres: éthique et politique du care**. Paris: Éditions de l'école des hautes études em sciences sociales, 2011.